

# Dilema ético do docente de graduação em Enfermagem na condução do estágio supervisionado

*Ethical dilemma of Nursing undergraduate teachers in supervised preservice training*  
*Dilema ético de los profesores de pregrado de Enfermera en el entrenamiento preservicio supervisado*

Elaine Corrêa da Silva\*  
Ana Cristina de Sá\*\*

**RESUMO:** Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa sobre situações que se configuram como um dilema ético para docentes de graduação em Enfermagem na condução de grupos de estágio em instituições de saúde. A pesquisa enfocou a percepção destes docentes acerca da conformidade entre os processos de trabalho empregados pelos funcionários da instituição e as orientações acadêmicas, e a conduta adotada frente aos conflitos. Utilizou-se como metodologia a pesquisa exploratória de caráter qualitativo, que teve como público-alvo 18 docentes. A análise dos dados revelou o modo como o docente exerce ou não sua autonomia durante o estágio e as formas de enfrentamento das questões éticas. As conclusões do estudo apontam para a existência de dificuldades para o exercício da supervisão em razão da resistência e/ou despreparo dos profissionais de enfermagem da instituição para atuar em colaboração com o docente e favorecer o processo de estágio.

**PALAVRAS-CHAVE:** Bioética. Enfermagem-ensino. Estágio supervisionado.

**ABSTRACT:** This article presents the results of a research on situations that configure as an ethical dilemma for nursing undergraduate teachers in charge of preservice training in health institutions. The research focused on the perception of these teachers concerning conformity of the work processes used by the employees of the institution and the academic guidelines, as well as the adopted behavior to face conflicts. An exploratory research of a qualitative character was used as methodology, having 18 teachers as subjects. Data analysis shows how teachers use or not their autonomy during preservice training and their ways for facing ethical questions. The conclusions show the existence of difficulties for the exercise of supervision due to resistance and/or unpreparedness of nursing professionals of institutions for contributing with them and making easier preservice training.

**KEYWORDS:** Bioethics. Nursing teaching. Supervised preservice training.

**RESUMEN:** Este artículo presenta los resultados de una investigación sobre las situaciones que se configuran como dilema ético para los profesores de pregrado de enfermera a cargo del entrenamiento preservicio en instituciones de salud. La investigación es centrada en la opinión de estos profesores referente a la conformidad de los procesos del trabajo usados por los empleados de la institución y las pautas académicas, así bien como el comportamiento adoptado de cara a los conflictos. Una investigación exploratoria de carácter cualitativo fue utilizada como metodología, teniendo 18 profesores como sujetos. El análisis de datos demuestra cómo los profesores utilizan o no su autonomía durante el entrenamiento preservicio y sus maneras para hacer frente a cuestiones éticas. Las conclusiones demuestran la existencia de dificultades para el ejercicio de la supervisión debido a la resistencia y/o a no preparación de los profesionales de enfermería de las instituciones para contribuir con ellos y facilitar el entrenamiento preservicio.

**PALABRAS LLAVE:** Bioética. Enseñanza de enfermería. Supervisión del entrenamiento preservicio.

\*Mestre em Enfermagem Pediátrica pela Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP. Especialista em Bioética e Pastoral da Saúde pelo Centro Universitário São Camilo. Enfermeira graduada pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Docente do Curso de Graduação em Enfermagem e Pós-Graduação do Centro Universitário São Camilo. Email: ecorrea@scamilo.edu.br

\*\*Doutora e Mestre em Enfermagem pela USP. Especialista em Bioética e Pastoral da Saúde pelo Centro Universitário São Camilo. Enfermeira, Psicóloga e Pedagoga. Docente nos cursos de Graduação e Pós-Graduação do Centro Universitário São Camilo. Email: anacrispsicoenf@uol.com.br

## INTRODUÇÃO

Os docentes da graduação em Enfermagem, nos seus cotidianos de trabalho, lidam com variadas situações hipotéticas e reais que constantemente os remetem à dimensão ética da profissão, entre as quais se destaca a supervisão do estágio obrigatório, atividade complementar à formação teórica do graduando.

O estágio supervisionado é a etapa final e fundamental da formação do enfermeiro, pois constitui a primeira oportunidade concreta de exercer na prática o aprendizado adquirido ao longo da graduação e consolida as competências e habilidades necessárias ao seu desenvolvimento profissional. Daí a importância da presença do docente nessa fase, prevista na resolução CNE/CES n. 3, de 7 de novembro de 2001, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem<sup>1</sup>:

Art. 7º: Na formação do Enfermeiro, além dos conteúdos teóricos e práticos desenvolvidos ao longo de sua formação, ficam os cursos obrigados a incluir no currículo o estágio supervisionado em hospitais gerais e especializados, ambulatoriais, rede básica de serviços de saúde e comunidades nos dois últimos semestres do Curso de Graduação em Enfermagem.

Parágrafo Único. Na elaboração da programação e no processo de supervisão do aluno, em estágio curricular supervisionado, pelo professor, será assegurada efetiva participação dos enfermeiros do serviço de saúde onde se desenvolve o referido estágio. A carga horária mínima do estágio curricular supervisionado deverá totalizar 20% (vinte por cento) da carga horária total do Curso de Graduação em Enfermagem proposto, com base no Parecer/Resolução específico da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação.

Todavia, embora tanto o estágio, como a supervisão docente atendam à determinação legal da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação, assegurar a “efetiva participação” do aluno no interior das instituições não é uma tarefa simples e, por vezes, conduz o docente a impasses técnicos e éticos, particularmente quando há dissonância entre os processos de trabalho empregados e os valores, preceitos e orientações pedagógicas da área.

Nestes casos, o docente inevitavelmente se vê perante circunstâncias que se configuram como um dilema ético, pois precisa assumir posicionamentos, fazer escolhas e

tomar decisões nem sempre condizentes com seus próprios valores e as diretrizes da profissão.

O dilema ético vivenciado pelos docentes da graduação em Enfermagem diante de procedimentos e comportamentos inadequados dos profissionais de saúde das instituições utilizadas como campo de estágio constituiu o tema central do estudo.

Procurou-se avaliar as reações e formas de conduta dos docentes diante de procedimentos incorretos e comportamentos inadequados, eventualmente prejudiciais ao paciente ou passíveis de colocar sua vida em risco.

Buscou-se ainda, avaliar o efetivo grau de autonomia do docente na prática de campo e as diferentes possibilidades de posicionamento perante a instituição, os profissionais e os alunos participantes do estágio diante de tais ocorrências.

A elaboração da análise partiu do reconhecimento *a priori* da complexidade inerente às situações mencionadas e da infinidade de implicações institucionais e acadêmicas dessa modalidade de prática docente.

Desta forma, este estudo representa uma incursão inicial por uma temática delicada e pouco explorada, que tencionou abrir a discussão ética sobre a mesma e contribuir para melhorar a qualidade da atividade docente por meio do compartilhamento de informações e da busca coletiva de soluções para uma questão que afeta a todos os envolvidos no processo de aprendizagem e formação profissional em Enfermagem.

## OBJETIVOS

O estudo norteou-se pelos seguintes objetivos: investigar o grau de autonomia do docente na condução do estágio obrigatório realizado em instituições de saúde; analisar os contornos do dilema ético enfrentado por docentes que atuam no campo prático da graduação em Enfermagem frente aos limites de atuação impostos pelas instituições de saúde; localizar os principais pontos de tensão e as formas de conduta adotadas pelo docente diante de divergências com os profissionais de saúde das instituições.

## METODOLOGIA

O estudo foi desenvolvido por meio de pesquisa exploratória de caráter qualitativo aplicada a 18 docentes da graduação em Enfermagem de uma instituição de ensino que atuam como supervisores de estágio.

O instrumento utilizado para a coleta de dados consistiu de um questionário composto por quatro questões abertas que abordaram a discordância entre os processos de trabalho empregados pelos funcionários das instituições cedentes do campo de estágio e as orientações pedagógicas da enfermagem, a utilização de procedimentos incorretos, a manifestação de comportamentos inadequados e a conduta adotada pelos docentes frente aos conflitos identificados. Para o processamento e análise dos dados, utilizou-se a técnica de Bardin<sup>2</sup>.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### Questão 1

A maioria dos docentes entrevistados, dezesseis (89%) observou discordância entre os processos de trabalho empregados pelos profissionais das instituições e a orientação recebida na academia.

Tal situação apresentou-se como a principal fonte geradora do conflito interno que leva ao dilema ético, pois qualquer postura adotada pelo docente traz consequências e requer ponderação.

Para posicionar-se perante o aluno, o docente tem que levar em conta a preservação de sua imagem profissional, a orientação da instituição universitária que, presume-se, é a detentora do saber e a linha de trabalho da instituição que concedeu o campo prático, que é a referência da práxis para o discente. E, acima de tudo, deve considerar a vida do paciente.

À luz do princípio da Bioética da não maleficência<sup>3</sup>, a escolha do docente torna-se ainda mais difícil, pois o erro encontrado na prática contradiz a excelência da teoria.

Num primeiro momento, o docente pode alegar que o fato representa um aprendizado para o aluno e utilizá-lo como exemplo daquilo que não se deve fazer, mas com a recorrência das situações, este argumento perde o sentido e as instituições envolvidas ficam marcadas pela negligência.

O incômodo do docente com a precariedade no cuidado com o paciente e a negligência dos profissionais das instituições transparece nas entrelinhas dos discursos como um fator de ansiedade, o que se revela também nas questões subsequentes.

### Questão 2

Em relação à discrepância na utilização de procedimentos técnicos, a totalidade dos docentes (94%), com exceção de um que não respondeu a questão, assinalou

ter presenciado incorreção por parte dos profissionais de saúde das instituições utilizadas como campo de estágio.

Novamente, a distância entre as recomendações acadêmicas e a prática apresenta-se conflituosa para o docente, que encontra dificuldades para posicionar-se sem ferir princípios éticos, conflito que se revela nas declarações sobre as condutas adotadas.

A partir dos relatos dos docentes, foram estabelecidos dois grupos, o dos que adotaram uma conduta e o daqueles que não o fizeram. O grupo dos que adotaram conduta após identificarem incorreções na prática dos profissionais de saúde foi composto por 6 docentes (33%), e o dos que não adotaram conduta, por doze (67%).

Em relação ao primeiro grupo, as condutas adotadas foram classificadas em diretas e indiretas. As condutas diretas referem-se à abordagem direta do profissional envolvido no procedimento e as indiretas referem-se ao relato da ocorrência à enfermeira da unidade ou à chefia.

#### a) Conduta direta

S10 – “Diálogo com o enfermeiro de forma ponderada, construtiva”.

S13 – “(...) usei o meu não-verbal. Após o procedimento, em local isolado, coloquei como eu realizaria o procedimento. A reação da funcionária foi muito positiva”.

S15 – “Conversei com a auxiliar pessoalmente, longe de outras pessoas. Em outro dia pude observar outra atitude dessa funcionária, mais afetiva e acolhedora”.

#### b) Conduta indireta

S2 – “Realizado contato com o enfermeiro (...), inclusive com o funcionário envolvido. Porém sem acusações e sim, uma proposta de atualização, em um clima de educação contínua”.

S16 – “Comentei o ocorrido com a enfermeira do setor e (...) com o funcionário. Com o aluno fiz uma análise crítica da situação e como podemos contorná-la”.

Nesta categoria, chamam a atenção a postura cuidadosa do docente em conduzir o problema de forma a não confrontar a autoridade do responsável, provavelmente com o intuito de não ferir princípios éticos e manter a harmonia entre as equipes.

Em relação aos segundo grupo, dos docentes que não adotaram conduta, registraram-se as seguintes categorias:

**a) receio de indisposição com a equipe**

S3 – “Para manter um bom relacionamento com essa equipe/funcionários, não realizei nenhuma conduta perante a situação, pois acredito que tomando essa conduta poderia prejudicar e até mesmo perdermos o campo de estágio”.

S16 – “Em todas às vezes, com muito jeito, abordei o funcionário (...) tudo de forma bem *light*, sem que percebesse diretamente que era necessário uma reflexão sobre o assunto”.

O receio evidenciado nas falas induz o docente a uma postura permissiva que, no limite, pode inclusive colocar o paciente em risco, o que contraria os preceitos estabelecidos no Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem<sup>4</sup>: Art. 12 – assegurar à pessoa, família e coletividade assistência de Enfermagem livre de danos decorrentes de imperícia, negligência ou imprudência e em seu artigo 21 – proteger a pessoa, família e coletividade contra danos decorrentes de imperícia, negligência ou imprudência por parte de qualquer membro da Equipe de Saúde (Seção 1 – Responsabilidades e Deveres).

Ao se omitir, o professor infringe, mesmo que indiretamente, os artigos citados, pois deixa de zelar pela proteção do paciente.

Segundo Waldow<sup>5</sup>, é papel do enfermeiro agir como se fosse advogado do paciente, no sentido de garantir seus direitos. Entretanto, como assumir essa posição estabelece necessariamente um conflito, o docente opta por priorizar as demandas institucionais em detrimento da necessidade dos pacientes.

Cabe ressaltar que essa opção coloca o professor numa condição de vulnerabilidade, torna-o refém de um problema que está além de sua capacidade, dado que não é via de regra não existe uma orientação clara por parte da universidade e da instituição que cede o campo de estágio sobre como conduzir este tipo de conflito.

**b) dificuldade em lidar com a autoridade médica**

S5 – “Reúno os alunos, explico e demonstro a técnica correta. Nunca me dirigi a nenhum profissional diretamente”.

S9 – “(...) sigilosamente chamei alunos e expliquei a forma correta da técnica”.

S15 – “O paciente não tem voz e prevalece a autoridade do médico ou de quem coordena o grupo”.

Nesta categoria, revela-se o desconhecimento ou a não apropriação por parte do docente do direito de exercer a sua atividade com autonomia, direito garantido pelo Código de Ética<sup>4</sup>: “exercer a enfermagem com liberdade, autonomia e que este profissional seja tratado segundo os pressupostos e princípios legais, éticos e dos direitos humanos” (Capítulo 1, Das Relações Profissionais, Direitos, Artigo 1º).

A ação autônoma pressupõe liberdade de escolha e é requisito fundamental para a tomada de decisão individual. Nesse sentido, como a escolha dos docentes mostra-se condicionada a fatores externos, torna-se necessário identificar os fatores impeditivos para o docente exercer sua autonomia.

**c) resistência dos profissionais da equipe**

S6 – “Conversei com o funcionário e o enfermeiro responsável para rever a conduta, mas nem sempre percebi que foi aceita a conduta ou o conselho de sensibilização e readequação (...). Acho que nem sempre o professor e o estagiário são considerados capazes de poder ajudar ou trazer novos conceitos para a unidade”.

S10 – “(...) penso que meu poder decisório para mudar o rumo do achado seja limitado”.

Nesta categoria, observa-se a tentativa do docente de reverter uma situação que contraria a ética profissional e evitar o erro, no entanto, a resistência do profissional do campo provoca uma sensação de impotência e converte-se em mais um conflito gerador de dilema ético.

**Questão 3**

Em relação à manifestação de comportamentos inadequados pelos profissionais do campo de estágio, todos os dezoito docentes afirmaram tê-los presenciado.

As situações comportamentais consideradas inadequadas foram: atitudes desumanas e desrespeitosas com os pacientes, familiares e colegas de trabalho e animosidade com os alunos.

**a) atitudes desrespeitosas**

S6 – “Mau atendimento do usuário como se atrapalhasse ou que não deveria vir à unidade”.

S7 – “(...) comentários abertos para todos ouvirem sobre conduta de colegas; briga com pacientes e familiares; não atendimento de um pedido médico”.

S14 – “No serviço público, a ausência do *patrão* oferece liberdade assim como a dificuldade em perder o emprego (vínculo empregatício efetivo), não cumprem horário, gritam nos corredores e com os colegas, vestem-se de forma inadequada”.

Embora a filosofia que ampara o exercício da enfermagem recomende especial atenção para a humanização da assistência ao paciente, os relatos revelam que os docentes encontram no campo prático atitudes totalmente opostas a este preceito.

As situações descritas são emblemáticas no mundo pós-moderno, caracterizado por uma cultura hedonista que privilegia os valores materiais. Nesse contexto, a própria área de enfermagem também se depara com um conflito, pois tem como fundamento a priorização do fator humano<sup>(6)</sup>.

A falta de respeito pelos colegas, pacientes, familiares e outros profissionais colocam em pauta os princípios que deveriam nortear o profissional de enfermagem e que foram claramente feridos. O Código de Ética de Enfermagem, em seu artigo 8º determina que é proibido ao enfermeiro e equipe: “promover e ser conivente com a injúria, calúnia, difamação de membro da equipe de enfermagem, equipe de saúde e de trabalhadores de outras áreas”.

#### **b) animosidade com os alunos**

S7 – “Chegou ao *auge* quando um enfermeiro expulsou o aluno do campo porque *não estava ali para ensinar*”.

S10 – “Recusa do profissional enfermeiro em acompanhar o aluno”.

A hostilidade demonstrada por alguns profissionais do campo prático em relação aos alunos demonstra desconhecimento ou ausência de compromisso em participar da formação dos futuros colegas, o que também infringe o Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem<sup>(4)</sup>: “Art.70 – Estimular; facilitar e promover o desenvolvimento das atividades de ensino”.

Este tipo de postura contribui para a permanência do professor em situação de dilema, pois se opõe à essência de sua prática docente na supervisão, o que seria minimizado se os profissionais das instituições estivessem plenamente cientes de sua responsabilidade em colaborar no aprendizado dos futuros colegas.

Quanto às condutas adotadas, verificou-se novamente a adoção de condutas diretas, indiretas e a não adoção de conduta.

#### **Conduta direta**

S12 – “Sugeri (...) manifestei desaprovação e desagrado sobre atitudes inadequadas”.

S13 - “Solicitei que diminuíssem o tom de voz, mas isso não aconteceu”.

#### **Conduta indireta**

S3 – “Orientei os alunos da importância da postura ética na nossa profissão”.

S5 – “Deixo claro para os alunos que aquele comportamento foi inadequado e do tipo de profissional que não devemos ser”.

Os relatos expressam o descontentamento em relação à atitude desrespeitosa observada. As intervenções alertam os profissionais sobre o comportamento inadequado e instruem os alunos a refletir sobre a ocorrência, o que denota a preocupação dos docentes com a ética e a postura profissional.

#### **Não adoção de conduta:**

S1 – “Evitei maiores comentários e deixei como estava”.

S6 - “Tive dificuldade de intervir. (...) tentei, mas em alguns locais a própria direção segue a mesma conduta”.

#### **Questão 4**

Quando questionados se gostariam ou não de ter adotado outra conduta diante das inconformidades observadas, 8 (44%) docentes responderam que gostariam de ter adotado outra conduta e 9 (50%) consideraram ter adotado a conduta correta.

Em relação aos que responderam que gostariam de ter adotado outra conduta, destacam-se as seguintes respostas:

S6 – Não interferir no serviço muitas vezes tem a ver com a relação da universidade versus campo de estágio, que não pode ser perdido.

S7 – “Eu sempre acho que poderia ter feito diferente: ter sido mais rígida, cobrado um posicionamento mais efetivo dos gestores da instituição e até um posicionamento diferente da coordenação do curso quando tais assuntos são passados”.

S9 – “Gostaria, sim. Não o fiz para não expor o grupo de alunos e a instituição. A reflexão ética foi ter deixado outra pessoa susceptível a um procedimento errado”.

As justificativas deixam claro que existe dificuldade em adotar a conduta considerada correta pelo receio do confronto com a instituição que oferece o campo prático. Como foi mencionado, o docente lida com interesses diversos – o aluno, a instituição de ensino e o campo de estágio – e, para harmonizá-los muitas vezes se vê obrigado a tomar ou não atitudes que contrariam sua ética pessoal.

Quanto aos docentes que responderam que não gostariam de ter adotado outra conduta, as alegações foram: S8 – “(...) mas quando fiz, fui comparada automaticamente pelos profissionais de enfermagem com a enfermeira provocando ciúmes, incômodo e clima de constrangimento”.

S12 – “Sem querer generalizar, por que os enfermeiros ao assumirem sua profissão se esquecem e não põem em prática o que viram?”

S17 – “Penso que fiz o que achei melhor! Muitas vezes não dá para interferir no momento, pois temos que lembrar de nossa postura ética; (...) quando envolve técnicas incorretas, acho que é imprescindível (interferir)”.

S18 – “Não. Mas refleti sobre o acontecido e cheguei à conclusão que certos comentários e atitudes ofendem as outras pessoas e na maioria das vezes ninguém se certifica da veracidade da situação antes de tecer comentários caluniosos”

Para estes docentes, a posição adotada é consciente e vem acompanhada de reflexão ética. Na visão deste grupo, houve sempre a tentativa de respeitar princípios pessoais e de agir de maneira correta e justa com os pacientes e profissionais.

## CONCLUSÃO

Apesar de a autonomia ser uma prerrogativa assegurada pelo código de ética dos profissionais de enfermagem, constatou-se que, na supervisão de grupos de estágio, o docente não a exerce de forma efetiva.

Verificou-se que a decisão de adotar ou não uma conduta diante dos problemas vivenciados no cotidiano é influenciada, principalmente, pelo receio de perder o campo de estágio em razão de um eventual conflito entre o docente e os profissionais que trabalham na instituição, consequentemente, um conflito entre a universidade e a instituição. O medo constante de esse conflito ocorrer parece ser o fator que mais limita o docente para o pleno exercício de sua autonomia profissional.

Tal situação merece atenção porque, por si só, representa um dilema, mas, sobretudo, porque conduz o professor a um problema ético maior, o de não proteger o paciente contra os possíveis agravos provocados pelos profissionais e a consciência de ter feito uma escolha contrária aos princípios éticos e valores pessoais.

A existência desse dilema denota a falta de integração entre as instituições de ensino e de campo de estágio, o que também se confirma pelo comportamento hostil dos profissionais de enfermagem do campo de estágio em relação ao docente e estagiários. A animosidade demonstrada revela o despreparo dos profissionais para receber os alunos, o que também se manifesta no desconhecimento em relação à sua responsabilidade profissional de colaborar na formação dos futuros colegas. Sobre este aspecto, entende-se que ele é também revelador da ausência de orientação desses profissionais por parte da própria instituição.

Os resultados da pesquisa apontam para a necessidade de se debater o assunto entre os responsáveis pela formação dos enfermeiros – a universidade, e pela assistência prestada aos pacientes – as instituições de saúde que oferecem o campo prático.

A mudança deste cenário se fará mediante o exercício do diálogo efetivo e da reflexão de ambas as instituições sobre a definição das atribuições de cada uma na situação de ensino, assim como pelo estabelecimento de formas de convivência mais harmônicas, sintonizadas com o Código de Ética da profissão e com a Bioética.

A noção de reciprocidade deve nortear esse novo patamar de relacionamento entre a universidade e as instituições, com a definição de princípios e filosofia de trabalho comuns e a efetiva complementaridade entre ensino e prática.

## REFERÊNCIAS

1. Brasil. Ministério da Educação. Resolução CNE/CES nº 3, de 7 de novembro de 2001. Institui as diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em enfermagem. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Ministério da Educação; 2001a. Seção 1, p. 37.
2. Bardin L. Análise de conteúdo. São Paulo, SP: Edições 70; 1977.
3. Pessini L, Barchifontaine CP. Problemas atuais de bioética. 6ª ed. São Paulo: Loyola; 2002.
4. Conselho Regional de Enfermagem de São Paulo. Principais legislações para o exercício da enfermagem. Resolução COFEN nº 311/2007.
5. Waldow VR. Cuidado Humano: o resgate necessário. 3ª ed. Porto Alegre, RS: Sagra Luzzato; 2001.
6. Sá AC, Pereira LL. Espiritualidade na enfermagem brasileira: retrospectiva histórica. Mundo Saúde. 2007;31(2):225-37.

## ANEXO A

### Instrumento de coleta de dados para pesquisa

#### Identificação do docente

Nome: \_\_\_\_\_

Sexo ( ) m ( ) f idade: \_\_\_\_\_

Formação acadêmica ( ) graduado ( ) especialista ( ) mestre ( ) doutor

Tempo de atuação em campo de estágio supervisionado \_\_\_\_\_ anos

Área de atuação em campo de estágio \_\_\_\_\_

1. Durante o trabalho de supervisão realizado em campo de estágio, você já observou alguma discordância entre os processos de trabalho empregados pelos funcionários da instituição e as orientações pedagógicas da área de Enfermagem? Em caso afirmativo, por favor, descreva a situação e a sua conduta perante ela.
2. Durante o trabalho de supervisão realizado em campo de estágio, você já presenciou a utilização de procedimentos técnicos incorretos por parte dos profissionais de saúde das instituições utilizadas como campo de estágio? Em caso afirmativo, por favor, descreva a situação e a sua conduta perante ela.
3. Durante o trabalho de supervisão realizado em campo de estágio, você já presenciou a manifestação de comportamentos inadequados por parte dos profissionais de saúde das instituições utilizadas como campo de estágio? Em caso afirmativo, por favor, descreva a situação e a sua conduta perante ela.
4. No caso de respostas afirmativas para alguma(s) das perguntas anteriores, gostaria de ter adotado outra conduta? Em caso afirmativo, descreva tal conduta e o motivo pelo qual não a adotou na ocasião.

Recebido em: 19 de janeiro de 2009.  
Versão atualizada em: 23 de fevereiro de 2009.  
Aprovado em: 20 de março de 2009.